



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



Reinventar a vida urbana através dos afetos: da lógica do condomínio ao estranhamento produzido no encontro com o Outro

Júlia Ceccon Ortolan

Mestranda do Núcleo de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU/UFMG)

Sessão Temática 08: Movimentos sociais e a construção do urbano contemporâneo

Resumo. As sociedades urbanas de hoje têm como marca constitutiva a desigualdade socioeconômica/espacial e a racionalidade neoliberal, nas quais estão implicadas as dinâmicas socioespaciais: há uma correlação incontornável entre as práticas sociais e os modos de habitar os espaços com os sistemas subjetivos vigentes. É nesta linha cruzada que incidem as argumentações acerca da lógica dos condomínios, de Christian Dunker e as teorizações que preconizam o entendimento da sociedade a partir do seu circuito de afetos, a partir de Vladimir Safatle. Pensar outras sociedades urbanas pressupõe pensar, portanto, outros modos de afecção e a formação de outros sujeitos políticos. A hipótese deste artigo é de que o estranhamento poderia ser entendido como afeto capaz de impulsionar outros modos de subjetivação — outra sociedade. A partir daí, apresenta-se um panorama dos traços subjetivos vigentes, assinalando-se viradas necessárias. A noção de desamparo é introduzida e analisada de modo comparado ao termo “estranhamento” pautado pela hipótese inicial. Constata-se, ao final do artigo, que há (1) correspondências entre os significantes dos termos desamparo e estranhamento e (2) certa imprecisão teórica sobre o termo estranhamento nas referências consultadas, permitindo apenas parcial verificação da hipótese levantada, até o momento.

Palavras-chave. afeto; vida urbana; sujeito coletivo; práticas socioespaciais.

Reinventing urban life through affections: from the logic of the condominium to the estrangement produced in the encounter with the Other

Abstract. Today's urban societies are marked by socioeconomic/spatial inequality and neoliberal rationality, in which socio-spatial dynamics are implicated: there is an unavoidable correlation between social practices and ways of inhabiting spaces with current subjective systems. It is in this cross line that the arguments about the logic of condominiums, by Christian Dunker, and the theorizations that advocate the understanding of society from its circuit of affections, from Vladimir Safatle, focus on. Thinking about other urban societies presupposes thinking, therefore, about other modes of affection and the formation of other political subjects. The hypothesis of this article is that estrangement could be understood as an affection capable of boosting other modes of subjectivation — another society. From there, an overview of the current subjective traits is presented, pointing out necessary changes. The notion of helplessness is introduced and analyzed in a comparative way to the term “estrangement” guided by the initial hypothesis. It appears, at the end of the article, that there are (1) correspondences between the signifiers of the terms helplessness and estrangement and (2) certain imprecision theory on the term estrangement in the consulted references, allowing only partial verification of the raised hypothesis, so far.

Keywords: affection; urban life; collective subject; socio-spatial practices.

Reinventando la vida urbana a través de los afectos: de la lógica del condominio al extrañamiento producido en el encuentro con el Otro

Resumen. Las sociedades urbanas actuales están marcadas por la desigualdad socioeconómica/espacial y la racionalidad neoliberal, en las que están implicadas dinámicas socioespaciales: existe una correlación ineludible entre las prácticas sociales y las formas de habitar los espacios con los sistemas subjetivos vigentes. Es en esta línea cruzada que se enfocan los argumentos sobre la lógica de los condominios, de Christian Dunker, y las teorizaciones que propugnan la comprensión de la sociedad desde su circuito de afectos, de Vladimir Safatle. Pensar en otras

sociedades urbanas presupone pensar, por tanto, en otros modos de afecto y en la formación de otros sujetos políticos. La hipótesis de este artículo es que el extrañamiento podría entenderse como un afecto capaz de potenciar otros modos de subjetivación, otra sociedad. A partir de ahí, se presenta un panorama de los rasgos subjetivos actuales, señalando cambios necesarios. La noción de desamparo es introducida y analizada de forma comparativa con el término “extrañamiento” guiado por la hipótesis inicial, al final del artículo aparece que existen (1) correspondencias entre los significantes de los términos desamparo y extrañamiento y (2) cierta teoría de la imprecisión sobre el término extrañamiento en las referencias consultadas, permitiendo sólo una verificación parcial de la hipótesis planteada, hasta el momento.

Palabras clave: afectos; vida urbana; sujeto colectivo; prácticas socioespaciales.

1. Introdução

As sociedades urbanas contemporâneas têm como marca constitutiva a desigualdade socioeconômica/espacial e a racionalidade neoliberal, que expande a lógica da concorrência e empresarial a todas as dimensões da vida. Há uma correlação incontornável – e uma retroalimentação – entre as práticas sociais, os modos de habitar/ocupar os espaços e os sistemas político-subjetivos vigentes. É nesta linha cruzada que está situada, dentre outras, a *lógica dos condomínios* (DUNKER, 2015), lógica das sociedades muradas e da vida entre iguais, como chave para a discussão dos sistemas subjetivos hegemônicos, aqui proposta. O sentido da discussão é denunciar os limites e as possibilidades das racionalidades hoje operantes, a fim de mapear caminhos para a transformação política e social.

“Margaret Thatcher mostrou ao menos a virtude da honestidade ao afirmar que ‘a economia é o método. O objeto é modificar o coração e a alma’. Se Thatcher tivesse lido Foucault, ela complementaria afirmando que o coração e a alma são peças na dominação que o poder exerce sobre o corpo.” (SAFATLE, 2015, p. 171) Safatle insiste que não há política sem corpo, reconhecendo a verdade por trás da fala de Thatcher e insistindo que pensar novos sujeitos políticos implica, necessariamente, pensar na produção de outros corpos. “Para começar outro tempo político, será necessário inicialmente mudar de corpo. Pois nunca haverá nova política com os velhos sentimentos de sempre.” (SAFATLE, 2015, p. 26/27)

Se não é possível pensar uma política sem corpo, e um corpo sem afetos, infere-se que para uma outra política é necessário também mudar o *circuito dos afetos* (SAFATLE, 2015). Como seria então possível pensar essa transformação? Se hoje as sociedades capitalistas têm o *medo* enquanto afeto político central (SAFATLE, 2015) e a *lógica do condomínio* (DUNKER, 2015) como correlata desse afeto, um caminho possível é começar por decodificar os afetos e as práticas contrapostas a esse sistema. Contra a vida entre iguais, organizada pelo imperativo do medo e das demandas por segurança da *lógica condominial*, seria possível propor algo como o *convívio entre estranhos*? O estar na presença de um *Outro*ⁱⁱ, que causa estranheza, não seria elementar para provocar transformações afetivas no *eu* e, assim, em todo circuito dos afetos vigentes? Seria assim possível pensar o estranhamento enquanto um afeto chave para pensar essa transformação?

As perguntas colocadas ilustram os ensejos que motivam as investigações tecidas neste artigo. Ainda que não se pretenda respondê-las de modo completo aqui, são orientadoras das reflexões que se seguem.

Vale ressaltar que este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento dentro do campo teórico de produção do espaço urbano e tem como plano de fundo,

assim, a intenção de situar o *estranhamento*, e outros afetos nomeáveis, nas práticas socioespaciais.

Dentro disso, em busca de verificar a hipótese do *estranhamento* não só como afeto, mas como afeto capaz de mobilizar outras lógicas político-afetivas, traça-se um panorama acerca das estruturas subjetivas hegemônicas (Tópico 2). O ponto de partida desse panorama é a lógica do condomínio, de Christian Dunker, por costurar de modo evidente aspectos psicanalíticos à ocupação e às formas de vida de modo espacializado. Com uma leitura crítica sobre os padrões subjetivos expostos, e no sentido de promover condições de alteridade desejáveis ao ambiente democrático e às esferas de vida pública, é possível assinalar viradas necessárias (Tópico 3).

A partir de diálogos com Vladimir Safatle, enfim, entra-se em um campo de proposições, apresentando-se o desamparo enquanto afeto central para estruturar outra sociedade imaginável (Tópico 4). O esforço final do artigo consiste em relacionar tal proposição com as noções de *estranhamento* apontadas pela autora deste artigo, traçando possíveis paralelos entre *estranhamento* e desamparo. Também ensaia-se correlações possíveis entre os afetos descritos e cenas capturáveis da vida urbana, no sentido agregar níveis de concretude à discussão e aproximá-la do campo socioespacial.

1. A vida entre iguais; a lógica do condomínio

1.1 A lógica do condomínio

Ao entrar em um desses modernos condomínios, projetados com a mais tenra engenharia urbanística, temos o sentimento pacificador de que enfim encontramos alguma ordem e segurança. Rapidamente nos damos conta de que há ali uma forma de vida na qual a precariedade, o risco e a indeterminação teriam sido abolidos. O espaço é homogêneo, conforme certas regras de estilo. Dentro dele, os lugares são bem distribuídos, as posições estão confortavelmente ocupadas. (...)A imagem dessa ilha de serenidade captura as ilusões de um sonho brasileiro mediano de consumo. Uma região, isolada do resto, onde se poderia livremente exercer a convivência e o sentido de comunidade entre iguais. (DUNKER, 2015 p. 47)

Os argumentos apresentados por Christian Dunker acerca da lógica do condomínio partem de um dos elementos caricatos da conformação urbana das grandes cidades brasileiras, enunciados na citação acima: os condomínios de casas murados, retirados do núcleo urbano e acessíveis por veículos motorizados através de rodovias que conectam os centros e regiões metropolitanas, também identificados como enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000). Na teoria de Dunker, os condomínios fazem alegoria a um amplo espectro de práticas sociais que se revelam na vida urbana cotidiana, delatando traços subjetivos próprios das sociedades capitalistas ocidentais de hoje.

A tipologia hegemônica da cidade de muros, pautada pela lógica do condomínio, é correlata de uma sociedade cujos modelos de sociabilidade reforçam a negação do urbano e o distanciamento como modo de distinção de classe. Denunciam, assim, disposições psicossociais que podemos nomear de anti-urbanasⁱⁱⁱ. Os enclaves privados e fortificados, segundo Caldeira (2000, p. 259), “cultivam um relacionamento de negação e ruptura com o resto da cidade e com o que pode ser chamado de estilo moderno de espaço público aberto à livre circulação”.

O que legitima e justifica essa configuração de cidade são, em grande medida, os discursos do medo e as respostas dadas a isso: a construção e venda de uma imagem de felicidade associada à vida nos condomínios, representadas sumariamente pela ideia de segurança, advindas de recursos de vigilância, proteção territorial, exclusividade, conforto, entre outros. (DUNKER, 2015)

O estatuto brasileiro do condomínio, segundo a Lei 4.591/64 e suas complementares, fundamenta-se na ideia de defesa, traduzida na concretude dos muros que cercam os territórios com objetivos que ultrapassam as conotações simbólicas de demarcação territorial. São “muros militares” que visam impedir a entrada de estranhos, permitir a observação estratégica de quem está fora e ocultar os mecanismos de segurança sigilosos do inimigo. (DUNKER, 2015, p. 49-50)

Assim, a forma de vida proposta nos condomínios é uma vida entre iguais, cuja imagem de venda está calcada na montagem de uma fantasia, onde seria possível viver sem as limitações impostas pelo Outro. Mas existem algumas contradições que desconstróem essa afirmação. Segundo Dunker, “algo parece escapar ao esperado. A forma de vida em condomínios vem sendo retratada, de forma sistemática, como repleta de mau gosto, investida de artificialidade, superficialidade e esvaziamento. O crime ressurgiu dentro dos condomínios” (DUNKER, 2015, p. 51)

É nesse ponto de contradição que a psicanálise se insere como campo chave para a articulação de investigações da ordem dos afetos, mobilizados na lógica do condomínio. Há de se suspeitar de produções sociais que se apresentam como regiões de extraterritorialidades protegidas, onde a realização do prazer e da liberdade seriam plenos e irrestritos. (DUNKER, 2015)

O muro, além de uma estrutura de defesa e demarcação de território, também está associado ao conceito psicanalítico de “defesa” (*Abwehr*). Essa defesa se coloca justamente sobre as tensões entre a indeterminação provocada pelo desejo, pela angústia, pelo trauma e pela pulsão, e a possibilidade de circunscrição e controle em estruturas de determinação. (DUNKER, 2015)

O muro é uma estrutura de defesa contra a falta (pedido), uma mensagem de indiferença contra o outro (recusa), uma alegoria de felicidade interna (oferecimento) e uma negação indeterminada de reconhecimento (não é isso). (...) aparece como figura da indiferença, da exclusão e da segregação, contendo dentro de si a forma indeterminada de negação dos tempos da demanda. (DUNKER, 2015, p. 63/64)

O muro, em seu sentido psicanalítico de defesa, bloqueia tudo que está no campo da indeterminação, negando o que não se traduz objetivamente ou o que é diferente e estranho. Advém daí uma produção sintomática de afetos, que não contribuem ao entendimento das demandas e desejos inscritos nos sujeitos e grupo sociais. Esse muro evita e refuta os diversos tons de negatividade da vida social, fundamentais ao processo de constituição psíquica, como será discutido no tópico 2.

1.2 A sociedade positiva e produtiva do cansaço

A ideia de negatividade aparece no livro “A sociedade do cansaço”, de B. Han, a partir do seu oposto: a positividade. Sob o discurso do desempenho e imposição de métricas infinitas de produtividade, introjeta-se um excesso de positividade para viabilizar a noção de que “sempre é possível mais e mais”. Tal

excesso de positividade seria a causa dos adoecimentos neuronais característicos da sociedade contemporânea, como depressão, ansiedade, déficits de atenção, síndrome da hiperatividade, *burnout*, entre outros. Essas enfermidades não são resposta à presença de algum elemento estranho (viral ou bacteriano) no corpo; dizem respeito, de modo muito mais direto, ao modo de funcionamento interno do indivíduo – das suas condutas, emoções, psiquê, etc. Fica colocado, assim, um dos sintomas psíquicos que são produzidos ou reforçados pela ideia de *muro* (defesa), pela recusa a toda sorte de negatividade, privando-se o sujeito da possibilidade do estranhamento, advindo do encontro com o Outro. (HAN, 2015)

A positividade e a hiperprodutividade evidenciam-se em práticas como de “atenção *multitasking*”, que objetivam o “fazer muito ao mesmo tempo”. Quando submetido a essas lógicas, o sujeito fica impossibilitado de exercer uma atenção contemplativa (HAN, 2015) – ou poderíamos também dizer, da atenção plena, profunda e entregue. O contemplativo não equivale a uma energia da passividade, ao contrário, trata-se da capacidade de reagir aos estímulos e de hesitar perante o que ocorre ao redor. (HAN, 2015) A atenção contemplativa se traduz, assim, na capacidade de perceber o mundo de forma profunda e interagir com ele de maneira não automática.

Nota-se, com isso, que a faceta perversa de uma sociedade cujos sistemas subjetivos refutam a negatividade, está nas privações não enunciadas, reveladas em sintomas psíquicos encobertos. Em escala urbana e coletiva, pode-se inferir que a sociedade do cansaço, ao passo que privada do poder contemplativo (HAN, 2015), tem processado a aniquilação de certos tipos de trocas e sociabilidades. É possível falar, portanto, em um processo de aniquilação também dos espaços públicos, entendidos enquanto lugar do encontro e da produção das diferenças.

2. O convívio com a diferença; a prática da alteridades

Enquanto a primeira parte deste artigo tentou costurar um panorama de traços subjetivos constitutivos da sociedade contemporânea, esta segunda parte dedica-se a alguns pontos críticos desse quadro. Faz-se isso sob a perspectiva da psicanálise, apontando direções possíveis para se pensar a transformação dos pontos críticos revelados.

É possível afirmar, em acréscimo, que condições de alteridade são substanciais a constituição de sociedades democráticas e suas esferas de vida pública. Nesse sentido, pensar estratégias para a transformação dos quadros subjetivos descritos parece passo imprescindível para estabelecer condições de alteridade desejáveis.

3. Transformar os afetos para mudar a sociedade; estranhamento como possibilidade

3.1 O estranho como possibilidade

Pensar a reestruturação dos quadros sociais e subjetivos requer uma incursão aprofundada em teorizações que evidenciem a inseparabilidade do campo afetivo e dos sistemas políticos em que se engendram. A terceira parte deste trabalho dedica-se, portanto, a teorizações do filósofo Vladimir Safatle, em seu livro “Circuito dos Afetos”. Além de defender a politização dos afetos – ou a

corporificação da política – o livro permite aprofundar o entendimento sobre as formas de subjetivação hegemônicas enunciadas anteriormente. Ainda, e ao que será dado maior destaque, Safatle propõe caminhos para a formação de um outro *circuito de afetos*, pautado pelo desamparo enquanto afeto central.

Antes de mergulhar em suas teorias, contudo, remonta-se aqui às perguntas da introdução do artigo. No intuito de enfrentar a lógica do condomínio, da vida entre iguais, dos muros que negam o estranho, seria possível situar as práticas de encontro com o Outro – o estranho — como práticas de contraposição? Derivando para o campo dos afetos, inferindo-se que desse encontro advém o sentimento de estranheza ou *estranhamento*, seria o estranhamento um afeto potencial para esboçar um outro circuito de afetos, uma outra política?

As perguntas colocadas são o mote das reflexões a seguir, sem que haja a pretensão de respondê-las em totalidade neste artigo.

3.2 Não há política sem corpo e não há corpo sem afeto

A construção do poder pressupõe a construção de corpos políticos, seus circuitos de afetos e os modelos de individualização. “Não há política sem encarnação, em alguma região e momentos precisos, da existência da vida social em seu conjunto de relações”. (SAFATLE, 2015, p. 15) Transformar as estruturas de poder requer, portanto, indagar sobre a possibilidade da sociedade de ser regida por outros circuitos de afetos.

Uma sociedade deve ser entendida, em seu nível mais fundamental, enquanto um circuito de afetos, responsável por promover a adesão social a formas específicas de vida. Isto é, os afetos circulantes é que justificam a reprodução dessas formas de vida a despeito de outras. Nas palavras do autor, “formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis.” (SAFATLE, 2015, p. 10)

A noção de afeto empregada por Safatle é entendida como

uma dinâmica de imbricação que descreve a alteração produzida por algo que parece vir do exterior e que nem sempre é constituído como objeto da consciência representacional. (...) ser afetado é instaurar a vida psíquica através da forma mais elementar de sociabilidade, essa sociabilidade que passa pela *aiesthesis* e que, em sua dimensão mais importante, constrói vínculos inconscientes. (SAFATLE, 2015, p. 38)

Toda estrutura política se baseia, portanto, em um circuito de afetos que pressupõe um corpo político; e toda corporeidade aí constituída tem, por sua vez, um *modo específico de afecção*. Sob essa ótica, pode-se afirmar que sociedade neoliberal está hoje regida, entre outros, pelo medo, sendo este seu afeto político central. (SAFATLE, 2015) Há uma convergência, portanto, entre as análises de Safatle e as explicitadas sobre a lógica do condomínio, de Dunker.

No espectro dos afetos, o medo está entre aqueles mais promove à aquiescência à norma – pensando-se, por ex., no medo ao poder coercitivo, seja ele concreto ou projetado. Na ordem neoliberal o medo é também sustentador do discurso do risco e da violência iminente, indissociável, portanto, da constituição de um indivíduo defensor se sua privacidade e integridade. (SAFATLE, 2015)

O complementar oposto ao medo, no campo afetivo, é a esperança. Somente essa dupla afetação é capaz, segundo Safatle, de sustentar e legitimar alguma

estrutura de poder. Nenhum poder conseguiria valer-se apenas da negatividade, pois há que haver uma “promessa de êxtase” ou de gozo que possibilite um movimento pendular entre ambos. Há, ainda, uma aproximação estrutural entre essas duas formas de afecção relativa à temporalidade. Tanto o medo como a esperança atuam na dimensão da expectativa, de um momento futuro sobre o qual se realizam projeções e se tomam decisões. (SAFATLE, 2015, p. 16)

“um corpo é uma maneira de experimentar o tempo. Cada corpo tem seu regime de temporalidade e regimes de temporalidade idênticos aproximarão corpos aparentemente distantes. (...) Sempre o tempo da espera que nos retira da potencialidade própria ao instante.” (SAFATLE, 2015, p. 16)

É este tipo de coesão social que o medo consolida: a retirada do poder imanente do instante para uma inação calcada no tempo daquilo que pode vir a ser. Promove, assim, a apatia social, e é basilar na construção das recusas evidenciadas pela ideia de *muro* (defesa), conformando as premissas de uma sociedade *excessivamente positiva*.

3.3 O desamparo como horizonte político

Como explicitado, Safatle é contrário às visões que preconizam uma purificação da política, como se fosse possível isolar as camadas afetivas em prol de uma argumentação política qualificada e supostamente objetiva. Perante as análises expostas, e no sentido de pensar o caminho para transformações políticas de viés progressista, Safatle defende uma corporeidade social que tenha o desamparo como afeto central. (SAFATLE, 2015)

O corpo político regido pelo desamparo consiste em um corpo em contínua despossessão, livre das identificações, abertos às possíveis inscrições diferenciais de um conjunto mais amplo do que os limites individuais. Um dos aspectos constitutivos do capitalismo e do poder biopolítico consiste na espoliação psíquica do estranhamento, permitindo assim que toda negatividade somente se expresse através de melancolia e depressão. Uma política do desamparo reconhece, assim, os potenciais afirmativos desse tipo de afecção, sem que se reduza a medo e paralisia. (SAFATLE, 2015)

Na verdade, Freud pode nos mostrar como uma política realmente emancipatória, de certa forma, funda-se na capacidade de fazer circular socialmente a experiência de desamparo e sua violência específica, e não de construir fantasias que nos defendam dela. (...) Pois a política pode ser pensada enquanto prática que permite ao desamparo aparecer como fundamento de produtividade de novas formas sociais, na medida em que impede sua conversão em medo social e que nos abre para acontecimentos que não sabemos ainda como experimentar. (SAFATLE, 2015, p. 49/50)

(...) Por não ser a atualização de meus possíveis, a situação de desamparo implica sempre reconhecimento de certa forma de impotência, tanto do sujeito em sua agência quanto da ordem simbólica que o suporta, em sua capacidade de determinação. (SAFATLE, 2015, p. 54) p 54

Enquanto o medo é sempre o afeto da temporalidade futura, a expectativa de um mal em relação a forças de representação capazes de provocar desprazer e violência, o desamparo caracteriza-se pela imanência e pela contingência dos acontecimentos. O desamparo consiste na vulnerabilidade decorrente de uma despossessão individual, de um *eu* que não se reconhece por seus predicados; está fora de si, sujeito às imprevisibilidades do instante, dependente de um outro que lhe é desconhecido. Para além disso, também pode constituir-se pela

simples ausência de respostas adequadas às pulsões internas ao sujeito; não só um estado afetivo de impotência, mas a condição de nenhuma ajuda possível. Em resumo, o desamparo pode ser associado à “inadequação da avaliação de nossa força em comparação à grandeza de uma situação de perigo ou excitação”. (SAFATLE, 2015, p. 52)

É nesse sentido se pretende demonstrar que há uma forma específica de vulnerabilidade descrita pelo desamparo, que lhe atribui caráter produtivo e afirmativo para pensar novas vias políticas e sociais. O desamparo seria, sob esse ponto de vista, constituinte de uma certa experiência política emancipadora, nos termos de Freud, à medida que não se converte em medo social e abre-se à experimentação prática daquilo que ainda se desconhece, relativo ao tempo de agora. Ele sugere pensar uma política que incorpore tal lógica em amplo senso; uma política para além da gestão dos bens e serviços, disposta a confrontar-se com os acontecimentos que atualizam as normatividades dominantes. O sujeito político fruto dessa estrutura outra seria aquele que vivencia e experimenta o desabamento de algum tipo de normatividade – “Toda ação política é inicialmente uma ação de desabamento e só pessoas desamparadas são capazes de agir politicamente”. (SAFATLE, 2015, p. 49/50)

O desamparo não é algo contra o qual se luta, mas algo que se afirma. Pois, ao menos para Freud, podemos fazer com o desamparo coisas bastante diferentes, como transformá-lo em medo, em angústia social, ou partir dele para produzir um gesto de forte potencial liberador: a afirmação da contingência e da errância que a posição de desamparo pressupõe, o que transforma esses dois conceitos em dispositivos maiores para um pensamento da transformação política. (...) Retirar o desamparo dessa prisão é a primeira condição para nossa emancipação. Uma consequência necessária de tal maneira de pensar consiste em dizer que, no fundo, talvez não exista algo como “paixões tristes” ou “paixões afirmativas”. Existem paixões, com sua capacidade de às vezes nos fazer tristes, às vezes felizes (SAFATLE, 2015, p. 13/14)

A partir do trecho citado, vale o ressaltar o caráter ambivalente atribuído ao desamparo, bem como a todos os contemplados na categoria de afetos ou paixões. Não se trata de atribuir um julgamento *a priori* sobre a forma de afeto, mas de pensar as implicações de práticas pautadas por ele em sentido afirmativo ou em sentido de negação. A espoliação psíquica do estranhamento (*Unheimlichkeit*) promovida pelo neoliberalismo permite “que toda negatividade só se manifeste como depressão e melancolia”. (SAFATLE, 2015, p. 24) O desamparo enfrentado por uma ótica afirmativa, ao contrário, pressupõe uma inconformidade que leva à ação.

3.4 Desamparo x estranhamento

Nas explanações até aqui, resumidas no parágrafo anterior, é possível notar o relato da *espoliação psíquica do estranhamento* enquanto característica da sociedade neoliberal. Isso é correlato das recusas à negatividade que, como visto, acentuam adoecimentos depressivos, melancolia e a inação. Quando posto dessa forma, o estranhamento pode ser lido enquanto fenômeno – a experiência do encontro com o estranho – e o desamparo lido enquanto afeto, desencadeado por esse fenômeno.

Quando descreve a montagem fantasiosa que circunscreve a vida em um condomínio, Dunker associa a isso experiência neurótica dividida em três momentos. Primeiro a fantasia vivida como estado de exceção; segundo, uma sensação de vazio, incômodo e estranhamento, quando o sujeito se vê preso em

uma rotina repetitiva (a uma mesmidade), na qual a fantasia é parasitada; terceiro, quando a fantasia reposiciona a falta e ocorre um cultivo da fragmentação e do estranhamento corporal, surgindo o mal estar na forma de angústia. Observa-se que, no terceiro momento, o estranhamento não descreve tanto um fenômeno, mas sim uma sensação corporal (afeto); não advém do encontro com o Outro, pois deriva nesse caso precisamente da sua ausência. (DUNKER, 2015)

É possível observar que, apesar do recorrente emprego da palavra “estranhamento” nas reflexões expostas, há uma imprecisão teórica sobre o termo. Uma das razões para isso talvez esteja no fato de que nenhum dos autores abordado tratou do termo de maneira centralizada. Sendo assim, a verificação da hipótese deste artigo, do estranhamento entendido como afeto, precisará ser perseguida em desdobramentos futuros da pesquisa.

O que aparece de modo central em Safatle, por outro lado, é a aposta na ideia de desamparo, e por isso vale desenhar sobre isso algumas correlações com a hipótese anterior lançada. Primeiramente, nota-se que não se trata de uma defesa inequívoca da sensação de desamparo em si, mas daquilo que o ele pode provocar em termos de ação. O desamparo abre o sujeito à busca por amparo, um amparo não calcado em figuras paternalistas e hierárquicas de proteção e poder, mas ilustrado na construção de vínculos horizontais entre os sujeitos.

Fica claro, assim, que o desamparo tem sua potencialidade justificada na possibilidade de encontro com o Outro – quando a vulnerabilidade do não-amparo gera incômodos que incitam o sujeito a transformar as situações cotidianas, transformando a si mesmo. A produção da diferença, aí descrita, é também a essência da sensação de estranhamento. Ou seja, ambos os termos – desamparo e estranhamento – denotam processos que se originam no *deparar-se com um Outro* e provocam incômodos psíquicos, capazes de mobilizar a ação.

3.5 Implicações socioespaciais; ilustrando o desamparo na vida urbana

Na tentativa de ilustrar uma imagem do sujeito desamparado na cena da vida cotidiana, propõe-se, a seguir, um exercício imaginativo.

Imagine-se o seguinte: uma pessoa recém chegada em uma cidade, que por ventura acaba de perder seus documentos, está sem internet no celular, sem mapa, e sem saber como chegar até a universidade, onde tinha um encontro marcado. Ela sua frio, não sabe se vai chegar a tempo; constrangida e com vergonha, rasga seus padrões de timidez e pede ajuda, negocia carona, consegue um celular emprestado para fazer um B.O. Desamparada, desprovida dos recursos usais e das redes de apoio que tem em sua cidade natal, lança-se ao mundo. Abre-se, costura vínculos, passageiros ou não, e, ao menos em parte, se refaz.

O desamparado é, também, aquele que se enxerga sozinho e, sem saber contornar a própria situação, toma a vida nas mãos e lida com os possíveis no agora que lhe circunscreve.

A cena retratada acima pode servir para ilustrar uma escala individual do desamparo, em uma tentativa de desvelar algumas abstrações, inerentes à discussão dos afetos, de modo isolado e substancial. É importante destacar, contudo, a insuficiência de pautar os afetos de modo isolado; ao contrário disso,

o que justifica a relevância da dimensão afetiva no campo das ciências socioespaciais é justamente a sua inseparabilidade dos mundos em que participam. Isto quer dizer: as interações humanas ocorrem sempre em algum lugar e estão sempre em relação a alguma coisa (entes humanos e não humanos). Isso implica reconhecer tanto a dimensão espacial/ territorial dos afetos, como suas incidências coletivas.

Se os afetos tem o poder de mobilizar dinâmicas sociais, sustentando a reprodução de certas interações que se desdobram no tempo e no espaço, é possível traçar paralelos entre a transformação dos afetos e a invenção de outros modos de ação política. Outros modos de ação podem pressupor a formação de novos sujeitos coletivos, capazes de compor, mesmo que temporariamente, uma engrenagem de reinvenção da vida urbana.

Nessa chave, seria possível propor outro exercício ilustrativo, pensando-se aqui nos levantes que reivindicam pautas sociais ocupando as ruas — como exemplo próximo, Junho de 2013 no Brasil. Fora dos muros, desprotegidas, expostas às forças policiais repressoras, às intempéries climáticas, as pessoas se aglutinam, marchando com estranhos sobre ruas importantes de grandes capitais do país, reunidas por causas múltiplas (ora similares, ora divergentes). Como seria possível descrever as disposições afetivas que pautam essas ações coletivas, que atravessam a cada um individualmente, mas também o corpo coletivo em movimento? Seria possível pensar em aproximações com as ideias de estranhamento ou desamparo?

Sem fazer inferências precipitadas, deixando em aberto tais indagações, talvez seja ao menos possível perceber que essas cenas de levante são, em alguns sentidos, o avesso daquilo que se produz pela lógica do condomínio. O corpo como ferramenta primeira da ação e da reivindicação, a vulnerabilidade humana posta a prova, sob circunstâncias de imprevisibilidade — nunca se sabe o que pode transcorrer desses momentos de insurreição; são do tempo da imanência e da ordem do inesperado. Não se pretende adentrar aqui sobre o tema dos levantes, apenas constatar que há momentos da vida urbana que parecem abrir fissuras nos padrões hegemônicos de subjetivação e, portanto, merecem ser investigados em seus meandros. Atentar-se à dimensão dos afetos é essencial para o trabalho de revelar o o que há de novo, o que se repete e o que acaba sendo cooptado no transcorrer dessas cenas, espacialmente constituídas.

4. Considerações finais; desafios metodológicos na investigação os afetos

É possível constatar, acerca das hipóteses levantadas na abertura do artigo, que há algumas correspondências entre os significantes dos termos desamparo e estranhamento. Essas correspondências permitem refletir sobre o modo de nomear os afetos — aqueles capazes de mobilizar outras racionalidade e modos de vida urbana — permitindo ampliar o leque de palavras chaves com as quais a pesquisa em questão dialoga. Ampliando o esse espectro é possível incorrer a outros diversos referenciais teóricos, logrando aprofundamentos latentes sobre as discussões aqui lançadas.

Isso leva a outra constatação importante: a percepção de uma certa imprecisão teórica sobre o termo estranhamento nas referências consultadas, permitindo apenas parcial verificação da hipótese levantada, até o momento. Como dito anteriormente, o termo estranhamento aparece de maneira coadjuvante entre os

autores mencionados, servindo para adjetivar cenas e sensações, mas sem assumir papel central nas reflexões conceituais que elaboram.

As perguntas enunciadas na introdução seguem como mote possível para fomentar futuras investigações, valendo assim destacar caminhos possíveis para superação dos desafios mencionados.

Por um lado, pesquisar tendo como foco as práticas que originam os afetos iluminados aqui, situados como afetos possíveis de encaminhar outras lógicas sociais — a saber, as práticas produtoras do encontro com o Outro, da diferença. Ou seja, investigar situação sociais especializadas e seus meandros subjetivos, ao invés de focar unilateralmente em nomenclaturas circunscritas que tentem definir tipos de afecção irredutíveis.

Por outro lado, mapear referenciais que se debruçam sobre o campo político-afetivo, seja para traçar definições mais precisas sobre estranhamento e desamparo, seja para nomear de outro modo os afetos de interesse, e contribuir em análises empíricas encontradas.

Há de se elencar um último desafio metodológico, relativo à investigação desta da dimensão subjetiva no campo das teorias socioespaciais: como mapear e aferir os afetos nas práticas e momentos cotidianos do urbano? Será possível definir *estranhamento* (ou outro afeto que se possa nomear de outro modo) a ponto de situá-lo nas relações intersubjetivas e no espaço?

5. Referência bibliográficas

CALDEIRA, Teresa P do Rio. **A cidade de muros: crime, segregação e cidadania**. São Paulo, ed. 34, 2000.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. Capítulo 1: A lógica do condomínio. São Paulo: ed. Boitempo, ed. 1, p. 47 - 106, 2015.

DUNKER, C I. L. **A lógica do condomínio ou: o síndico e seus descontentes**. Revista Leitura Flutuante, v.1, n.1, p.1-8, 2009.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos: Corpos políticos, desamparo e fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2015.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHARINGER, J. P.; CHATELARD, D. S. **Freud: pensador da diferença**. Revista Mal-estar e Subjetividade, Fortaleza, v. X, n. 2, p. 399-424, jun. 2010.

ⁱ Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora integrante do Grupo Cosmópolis (UFMG).

ⁱⁱ Outro será utilizado em maiúsculo para denotar um “outro” psicanalítico”, cuja concepção envolve aquilo que é estranho ao *eu*. Representado tanto na figura externa de uma pessoa outra, como no estranho que habita o próprio *eu*, mas que ainda assim se desconhece: o inconsciente. (SCHARINGER, CHATELARD, 2010, p. 406).

ⁱⁱⁱ No livro “O declínio do Homem Público”, Sennet articula os fenômenos sociais e aspectos relativos à esfera da vida pública que denunciam uma cultura moderna de tendência antiurbana. (SENNETT, 1999)